

Caro Presidente do Plenário da ARE, Daniel Tadeu,
Caros colegas membros do ARE,

Caros membros das Secções Culturais da AAC,


MBRA

**Direcção Geral
SECRETARIA**

Nº Entrada... 0110... Data 22.03./2023
DEST..... ARE.....
ASS..... Américo.....

Venho por este meio apresentar a minha demissão enquanto membro da Assembleia de Revisão de Estatutos. Quando me candidatei a fazer parte desta ARE fi-lo por acreditar numa AAC que, mais que um bloco fragmentado cheio de histórias e passados, é lógica e, simultaneamente, humana. Essa visão foi aquilo que me aguentou a lutar por ela ao longo de anos, a fazer por construir projetos positivos para a sociedade, a ir contra formas menos limpas de atuar numa democracia e que me fez acreditar que bastava uma pessoa lutar pelo bem maior para essa pessoa merecer que não a deixasse ficar sozinha. Desta vez, é-me impossível cumprir com isso e gostaria que a minha demissão não seja feita sem que se saiba a minha visão para quem quiser ver se se pode fazer algo, fazer. Não precisam de a reconhecer como certa, mas queria possibilitar a recolha da minha opinião, porque pode haver alguém que veja nisto algo que possa ter soluções futuras.

Como é do conhecimento de alguns, eu tenho ansiedade. Ao longo do último ano e meio ela tem vindo a piorar devido a várias contingências que afetam a minha vida, entre as quais, perda de pessoas próximas. Arranjei uma forma bastante linear de a gerir para além de apoio psicológico e redes de suporte e a ARE não foi exceção: defini regras com os coletivos em que me encontrava e segui-as acreditando que o resto as iria, tal como eu, seguir. Confiei, a risco próprio, num contrato social para que fossem criadas as condições mais adequadas para a realização de trabalho. Contava com o respeito pelos prazos definidos, com estudo antecipado para tomada de decisão consciente, com a possibilidade de discussão fora do espaço do Plenário para que se pudessem esclarecer e ponderar determinadas questões de natureza mais complexa. Sem isto muitas decisões seriam, a meu ver, lineares e/ou precipitadas.

Tudo isto e muito mais me pareceu falhar. Gerou-se na ARE uma cultura organizacional focada, a meu ver, na sobrevivência e na afirmação a todo o custo, onde o falar muitas vezes não vem acompanhado do ouvir e onde os interesses individuais ou grupais se demonstram superiores a uma justiça social para a ARE e para a AAC. Isto não é culpa de ninguém e é, ao mesmo tempo, é de toda a gente... provavelmente até minha. Terei tempo de fazer uma reflexão crítica sobre o meu papel no processo e irei usá-lo, mas sei que também alertei para isto diversas vezes. A dinâmica de listas que compõe a maioria da ARE gerou um ambiente de desconfiança para quem é externo a elas

e de proteção para quem é interno a elas. Múltiplas decisões foram tomadas com base nesta polarização e necessidade de afirmação, o que tornou o ambiente da ARE algo pouco virado para a cooperação. Desde ideias desconsideradas durante meses para serem puxadas dum dia para o outro sem pensamento ou discussão prévia, votações a reprovar ideias sem contestação referida em momento algum, passando pela manutenção forçada de membros que davam clara prioridade constante a outras partes associativas da sua vida e finalizando com ausência de resposta reiterada de alguns membros que não realizavam as funções para as quais se propunham, foram alguns dos “monstros” que eu detetei como visíveis neste Plenário. Isto não só 1) dificulta a vida a quem cumpre as regras, como 2) prejudica a própria qualidade do trabalho para o qual nos candidatamos. Reforço: isto é um fenómeno de emergência – fenómeno ou processo de formação de padrões complexos a partir de uma multiplicidade de interações simples (Wikipédia) – que impacta a cultura organizacional, mas que não pode ser localizado apenas numa pessoa ou num grupo pequeno de indivíduos, mas sim num conjunto de interações, muitas vezes inconscientes que geram formas de agir coletivamente menos adequadas, a meu ver.

Neste sentido, não posso continuar exposto a um local que me faz, literalmente, mal à saúde e que me prejudica de forma desorganizada e desnecessária outras partes da minha vida, entre as quais a minha vida de estudante. No dia em que nos esquecermos de quem somos para além da efemeridade de dirigente, esquecemo-nos de quem representamos. Eu sou um estudante, um membro duma família de classe socioeconómica média-baixa, uma pessoa que procura todos os dias formas de ajudar o mundo a ser melhor e que paga recorrentemente o preço social e económico dessa busca pelo conhecimento. Essa pessoa que é muito, mas mesmo muito mais que um dirigente – tal como qualquer pessoa do Plenário o deve ser –, não se identifica com a cultura organizacional que se gerou na ARE. Pela minha saúde e pelos impactos positivos que quero ter em muitos sítios, inclusive na AAC e UC, vou dirigir os meus esforços para onde eles serão mais úteis. Espero que o trabalho que desenvolvi nas 4 Comissões Especializadas em que estive até ao fim venha a gerar contributos positivos.

Se há coisa que é subavaliada na AAC é o impacto que a falta de métodos, de fronteiras e de assiduidade de responsabilidades tem na cultura organizacional e, conseqüentemente, nas pessoas da AAC. Isso não só impacta a saúde mental, como pode mesmo gerar um ambiente frenético de omnisciência obrigatória que pode afetar a própria saúde física. Esta síndrome social é gerada por 1) uma falta noção própria (dirigente perante si mesmo) do que é capaz ou não de fazer, 2) uma falta de noção externa (dirigente perante quem a/o rodeia) para evitar impactar negativamente o trabalho dos outros desnecessariamente e 3) uma vontade constante de demonstrar

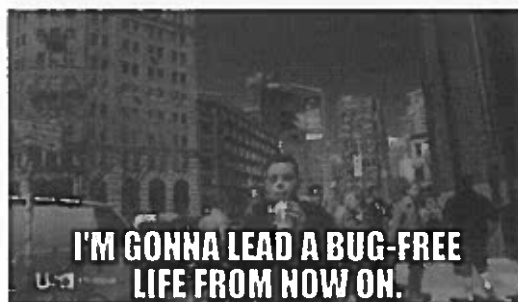
SECRETARIA
1979 0303 0191



êxito, principalmente através de eleições e eventos. Esquecemo-nos do objetivo e esquecemos, demasiadas vezes, a comunidade. Como é óbvio, a AAC, devido à sua dimensão plural, é constituída por vários ecossistemas que interagem entre si. Alguns sofrem mais disto do que outros. A ARE teve, na minha visão, demasiado disto para eu conseguir continuar sem estar, literalmente, a sofrer com a minha presença. Se houve algo que pessoas próximas de mim me foram ensinando ao longo dos anos e, com muita casmurrice minha, só ouvi há pouco tempo, é que devemos escolher as nossas batalhas. Há ambientes que são adequados para nós, outros que são nocivos. Estes ambientes atuam de forma diferente em indivíduos diferentes – o ideal para uma pessoa pode ser o pior para outra. No meu caso, estar na ARE drenava-me o meu bem-estar e energia cada vez mais. Até à minha demissão fui a todos os Plenários e apresentei o trabalho das quatro Comissões Especializadas em que me inseri, mas não consigo ir além disto.

Resta-me, na sequência disto, dizer que também conheci e aprofundei conhecimento com pessoas incríveis dentro da própria ARE. Espero mesmo que a AAC tenha possibilidade de crescer ao nível que elas desejam e que o ambiente que me impactou negativamente seja um ambiente onde elas conseguem agir do melhor do seu potencial. No final, continuo a acreditar que não é por eu não ter conseguido lidar que significa que outros não consigam. Dentro ou fora da ARE, continuarei a acreditar no potencial que o ser humano tem para fazer o melhor pela realidade. Desejo, também, os maiores sucessos ao meu sucessor, Vítor Sanfins e deixo aqui registado que, do que depender de mim e do tempo que tenho disponível, tentarei sempre ajudá-lo com uma passagem de pasta contínua e aprofundada. Também nunca negarei uma conversa a qualquer membro da ARE que queira ter opiniões minhas sobre qualquer tópico ou proposta.

De resto, resta-me dizer que:



(ou pelo menos tentar)

Saudações Académicas,
Paulo Jorge Nogueira Ramos
Paulo Nogueira Ramos

22/03/2023